

CANTO DO AMOR NATURAL

A realização do I Encontro Nacional de Culturas de Países de Língua Portuguesa, promoção do Centro de Estudos Portugueses da Universidade Federal de Minas Gerais, no período de 10 a 14 de agosto de 1987, tornou possível um contacto mais vivo com a produção cultural e artística de Moçambique.

Entre os poetas moçambicanos, Marcelino dos Santos, com seu Canto de amor natural, surpreende pelo denso e tenso equilíbrio entre a poesia engajada na violenta luta anticolonialista e a lírica reintegradora da tradição africana, da memória moçambicana. O que é perfeitamente congruente com a militância desse intelectual, formado em Ciências Políticas e Sociologia pela Sorbonne, fundador, com outros intelectuais revolucionários, da Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CDNCP), em Marrocos, aonde Marcelino dos Santos finalmente aporta, após ter sido expulso da França, em virtude de sua luta, e ter perambulado pela Bélgica e pela Inglaterra. Em 1962, está entre os fundadores da FRELIMO, onde exerceu variados cargos, o que direciona, cada vez mais, sua atividade como homem público, político e combatente.

Esses dados são importantes para que se entendam duas posturas essenciais desse notável poeta de Moçambique: a do exilado-expatriado e a do profundamente integrado no corpo e no corpus cultural da Terra Mãe, A primeira dessas posturas determina na poesia de Marcelino dos Santos

uma espécie de deslocamento nostálgico para o passado, em que a (quase nunca?) mal fechada cicatriz do ressentimento dos oprimidos e escravizados aprofunda o fosso entre colonizadores e colonizados. Veja-se esta passagem de Saudade da Terra:

Que saudades
eu tenho da minha terra

onde à tarde
as palmeiras murmuram
a canção triste de meus avós
escravos dos homens
que vieram de outros mares.

(p.27)

Essa canção triste, eco do canto «dos escravos negros meus avós», escava estigmas antigos, lamenta a intentada destruição da memória africana, que não impediu, porém, que traços indelévels de rebeldia preparassem o homem moçambicano para a luta pela liberdade. Veja-se o poema Sentidos Opostos:

Tempo já distante
de memória rasgada
tempo terminado
no crime de tuas mãos
Quando chegaste
diante do meu povo
tua voz
se ergueu em reverência
e estendeu tua mão
falando de amizade

Mas fundo bem fundo
foi punhal que cravaste

e o arco do teu querer
gestou reino de traição
.....
E depois

ousaste ainda
querer o meu amor

Como pensaste possível
que tua mão de crime
me obrigaria
a esquecer-me eternamente

Podes erguer
o círculo do teu ódio

Podes querer
parar o meu voo

O meu povo
continuará a cantar
e sempre eu direi

Aqui estou
na terra do meu povo
selvagem para ti
homem na minha terra
(p. 31-33)

O resgate da matriz, da identidade primordial, faz-se através da figura feminina, projetada na Mãe e na Avó, símbolos da terra sofrida e violada. Isso determina a identificação do Corpo/Mãe com o Corpo/Terra, tal como pode ser verificado no poema Oferenda, que traz a dedicatória «À minha mãe». A volta a este feminino ancestral significa o fluxo do imaginário infantil, que evolui do impulso lírico das «veias largas da terra morna», para a integração no corpo pulsante e fecundo, simbolizado como «flor da terra vermelha/fruto do sangue do coração dos seus filhos». Essa integração representa, mais do que um retorno nostálgico às raízes, um compromisso com o momento presente, com o espaço transfigurado pelas tradições fecundas e pela memória fecundante:

Eis-me agora aqui
mãe
pedras dos carreiros
transportando as carnes nuas
dos teus pés fatigados

árvores
cobrindo-te nos seus braços

e envolvendo-te na sombra
do teu repouso impossível

rios
correndo na planície do teu corpo
banhando as tuas mãos
dádiva à terra
onde tu nasceste

Eis-me agora aqui
mãe
mãe

mãos erguidas
ao chicote dos ventos
sobre as espigas dos milhos

terra aberta
aos teus passos fecundos

Sol prometido
aos campos do nosso país.
(p. 24-25)

O protesto social, ao apropriar-se dessas figuras matriciais, alcança profundo simbolismo no relacionamento do passado com o presente, na linguagem politizada que desvela, no drama contemporâneo dos contratados e dos exilados, os mesmos reflexos de um processo de colonização marcado pelo sofrimento. Em Recordações de minha avó, são os olhos ancestrais desse feminino mítico que espreitam, em expectativa inútil, a volta dos modernos guerreiros:

Longos
foram os dias
que passaste a esperar
que surgisse meu rosto
carregado de esperanças
no capim alto como lanças

E partiste
sem poder mais continuar
a viver a longa espera
(mais forte do que nós
foi o destino de andrajos)

.....
Longos
foram os dias de ânsia
e mais forte do que nós
o destino sem sossego
no ferro das lianas

Tu partiste
e doloroso foi então
o sonho que se perdeu
de embalar-me nos teus braços

Eu
eu fiquei longe
longe
sempre longe
distante e e dividido
meu corpo
arrastando-se em canoas de
[louco exílio. (p. 19-21)]

O desnudamento / desvelamento da miséria e espoliação da terra e do homem culmina na expressão de uma espécie de humanismo da indignação que eleva a poesia de Marcelino dos Santos para um caráter universal de solidariedade com todo ser humano oprimido e com toda vítima do racismo e do preconceito. Isso implica a tensão entre um titanismo indigente e um prometeísmo esperançado, entre imagens de destruição e criação, nesta poesia que põe a nu o destino forçado dos andrajos, dos marginalizados.

Através dos teus filhos
é a minha infância
que recomeça
A imagem
é diferente

mas a VIDA

ELA é sempre a mesma
A terra
continua vestida
dos andrajos
dos dias
[ensanguentados]

Mas nem tudo está perdido
Estamos juntos

e agora
Nós o sabemos
Companheiros
Marchemos
(Dor. p. 47)

A terra toda se desfloriu
em andrajo que cobriu
a face crua de estripada

.....
Porque se já sem gosto
e o horizonte sepultado

O coração desflorado

deixou ainda em cada mão
e em cada gesto desesperado

e esforço de séculos vivos
e a arte da seiva humana

(Terra sem flor. p. 65-66)

A volta às raízes implica a retomada da infância em seu substrato mítico para o resgate da memória e da identidade, assim como a integração do jovem na luta contra o racismo e a opressão do estrangeiro. Negritude e nacionalismo direcionam os poemas voltados para a criança negra. Dois poemas, centrados na canção do menino pobre (Xangana) demonstram essa preocupação de identificação cultural, enquanto o poema A um menino do meu país faz coincidir nacionalismo e luta contra o racismo universal, ao discorrer sobre uma vítima negra da Ku-Klux-Klan, nos Estados Unidos da América.

é a voz de Xangana
filho pobre de terra rica
que vem cantando vem gritando

Ó sol do meu país
ó sol de Moçambique
filho escravo nasci pobre
sobre a terra de meus pais

Baila ó sol do meu país
baila sobre a terra
de mangueiras e cajueiros
Do alto das copas verdes
de novo eu serei rei

(Xangana filho pobre. .p 18)

O rio vai p'ró mar largo
e o canto de Xangana
vai longe muito longe

Canto de mágoa
ou apelo ao mundo
canto revoltado
ou mensagem a seu irmão

Xangana (Canção) p. 45

Menino do meu país
Emmet Till
corria com pés nus
como tu
tinha catorze anos
como tu

Agora

jaz na terra
que seus avós fecundaram

quebrado
no charco descarnado
do ódio racista.

A um menino do
[meu país. p. 41-42]

A identificação mais comovente com a causa negra universal está no poema *Onde estou*. Pode-se dizer que todo o poema é uma inscrição dolorosa de todos os marginalizados; de todos os que trazem, na pele, o destino inscrito pelo chicote do ódio e da discriminação:

se eu estou aqui
bem vivo
na voz de Robeson e Hughes
Césaire e Guillén
Godido e Black Boy renascidos
nas entranhas da terra
transformando com o meu corpo
os alicerces da vida

se eu estou aqui

soma consciente e firme
dos homens

que compuseram o poema
da vida contra a morte
do fim da noite

e do começo do dia.
[p. 37]

O didatismo e a nota militante não tolhem o livre fluir do lirismo na poesia de Marcelino dos Santos. Na poesia de *Canto do amor natural*, como no poema que leva este mesmo título, a poesia concilia o amor às coisas simples e tradicionais (o balancear das palmeiras, o Tam Tam à luz do luar, os folguedos nos ramos dos cajueiros e das mangueiras, o canto do xirico), com a profunda solidariedade com o sofrimento dos trabalhadores, dos contratados das minas de carvão. Do «lírio vermelho» do coração do poeta e de Moçambique brota esse canto que expressa, não o ódio e a violência, mas a voz profética da esperança e da consciência libertada.

SANTOS, Marcelino dos, *Canto do amor natural*. Coleção Timbila Associação dos Escritores Moçambicanos, nº 0527 - INDL - 84. Imprensa Nacional.

Ana Maria de Almeida